

Estudos

# Interdisciplinares sobre Gênero e Feminismo 2

Solange Aparecida de Souza Monteiro  
(Organizadora)



**Atena**  
Editora

Ano 2019

Estudos

Interdisciplinares sobre  
Gênero e Feminismo 2

Solange Aparecida de Souza Monteiro  
(Organizadora)



**Atena**  
Editora

Ano 2019

2019 by Atena Editora  
Copyright © Atena Editora  
Copyright do Texto © 2019 Os Autores  
Copyright da Edição © 2019 Atena Editora  
Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira  
Diagramação: Lorena Prestes  
Edição de Arte: Lorena Prestes  
Revisão: Os Autores



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição Creative Commons. Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

### **Conselho Editorial**

#### **Ciências Humanas e Sociais Aplicadas**

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins  
Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas  
Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso  
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais  
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília  
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa  
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia  
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá  
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima  
Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões  
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná  
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionale delle Figlie de Maria Ausiliatrice  
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense  
Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso  
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Universidade Federal do Maranhão  
Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará  
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobom – Universidade Estadual do Centro-Oeste  
Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia  
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador  
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará  
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande  
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

#### **Ciências Agrárias e Multidisciplinar**

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano  
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás  
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná  
Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia  
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa  
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul  
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia  
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul  
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão  
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará  
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

### Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás  
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri  
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina  
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria  
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará  
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

### Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto  
Prof. Dr. Alexandre Leite dos Santos Silva – Universidade Federal do Piauí  
Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná  
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará  
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande  
Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

<b>Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)</b>	
E82	<p>Estudos interdisciplinares sobre gênero e feminismo 2 [recurso eletrônico] / Organizadora Solange Aparecida de Souza Monteiro. – Ponta Grossa, PR: Atena Editora, 2019. – (Estudos Interdisciplinares sobre Gênero e Feminismo; v. 2)</p> <p>Formato: PDF Requisito de sistema: Adobe Acrobat Reader Modo de acesso: World Wide Web Inclui bibliografia ISBN 978-85-7247-790-1 DOI 10.22533/at.ed.901192111</p> <p>1. Identidade de gênero. 2. Sexualidade. I. Monteiro, Solange Aparecida de Souza. II. Série.</p> <p style="text-align: right;">CDD 306.7</p>
<b>Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422</b>	

Atena Editora  
Ponta Grossa – Paraná - Brasil  
[www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br)  
contato@atenaeditora.com.br

## APRESENTAÇÃO

Feminista... é fazer aquilo que diziam que eu não podia fazer; aquilo que diziam que só o homem pode fazer, eu como mulher também posso fazer. Feminista, acima de tudo é quebrar barreira, é mostrar que a gente pode fazer o trabalho independente do homem, não necessariamente que tenha um do lado. (Ajurimar Bentes – integrante do Grupo de Mulheres Guerreiras Sem Teto, do Movimento dos Sem Teto de Salvador, 2010)

A interdisciplinaridade é uma alternativa em relação ao conhecimento compartimentado em disciplinas e ao discurso de autores contemporâneos que, se por um lado têm representado avanços em algumas discussões específicas, por outro, fica a dever na abordagem científica e na problematização de temas que devem ser considerados em sua complexidade e que ultrapassam o âmbito teórico e metodológico de uma única disciplina. A reflexão interdisciplinar, métodos de uma área para outra, o que possibilita a geração de novos conhecimentos e profissionais com fundamentação sólida e integradora.

A construção das identidades culturais e de gênero na sociedade contemporânea, cujas transformações especialmente a chamada globalização, “acirrada” desde a década de 70 são objeto de reflexão da teoria social. A partir da compressão do tempo-espaço, da globalização da economia e da informação, a construção das identidades ganha novos contornos e necessita ser discutida. As travestis, transformistas, drag-queens e transexuais os transgêneros refletem as constituições de identidade e de gênero.

A sociedade contemporânea tem sido objeto de várias discussões na teoria social, particularmente suas transformações a partir da década de 70. Nessas discussões são várias as denominações para este processo, como pós-modernidade, modernidade tardia, modernidade reflexiva. Esses rótulos, entretanto, não são o que mais importa, mas sim as modificações intensas e contundentes na contemporaneidade e, acredito, vale a pena refletir sobre alguns aspectos dessa mudança.

Antes de tratar especificamente da questão da identidade na sociedade contemporânea, parece-me importante inserir na discussão alguns autores que refletem sobre o próprio cenário contemporâneo embutindo nessa discussão, de forma mais ou menos explícita, a questão das identidades. Como se dá a construção e reconstrução das identidades em um cenário fragmentado, permeado estética e informacionalmente pela mídia, por imagens sobrepostas, por informações sobrepostas, redes, fluxos, riscos e incertezas.

Hall afirma ainda que um aspecto importante relacionado à questão da identidade estaria ligado às transformações na alta modernidade, especialmente a globalização. As mudanças de tempo e espaço, as fragmentações dentro da própria modernidade e a ruptura com antigas tradições, a diferença como característica fundamental, enfim,

processos de descontinuidade, fragmentação, ruptura, deslocação, características da alta modernidade, contribuiriam sobremaneira para a transformação das identidades, que se tornariam fragmentadas e plurais. “Quanto mais a vida social torna-se mediada pelo marketing global de estilos, lugares e imagens, pelos trânsitos internacionais, por imagens de mídia e sistemas de comunicações em redes globais, mais as identidades tornam-se destacáveis - desconectadas - de tempos, lugares, histórias e tradições específicas, parecendo estar ‘à deriva’. Somos confrontados por uma série de diferentes identidades, cada uma delas nos atraindo, ou antes atraindo diferentes partes de nós, a partir das quais parece possível fazer escolhas.” (Hall, 1995: 57). Não é possível, então, pensar as identidades de forma deslocada do contexto, da experiência concreta. Na sociedade contemporânea parece ser difícil pensar no desejo de uma “unidade”. A globalização, assim, antes de estar vinculada a uma totalidade transcendente, permitiria uma proliferação de fragmentos. Ou seja, o local como parte integrante do mundo. Paisagens reais e virtuais que, de algum modo, se oferecem ao olhar de maneira parcial, mas ao mesmo tempo, como parte de um todo.

Na construção de uma perspectiva interdisciplinar, tão necessária para se dar conta dos processos multidimensionais, usar o conceito de gênero, a reprodução das ideologias e relações de gênero a partir das seguintes dimensões a) a dimensão simbólica, referente aos modelos e tipos ideais sobre masculino e feminino; b) a dimensão normativa, que diz respeito a tradução desse mundo simbólico em normas e valores c) a dimensão institucional, pertinente as instituições sociais – tais como, família, escola, estado, igreja, mídia, mercado, dentre outras – responsáveis pela disseminação dessas normas e valores; e d) a dimensão subjetiva, que diz respeito ao processo de interiorização desses valores e comportamentos correspondentes. Outro marco fundamental é *O Segundo Sexo*, de Simone de Beauvoir, publicado em 1949. A sentença mais utilizada é a notória “Não se nasce mulher, torna-se”.

Não basta a simples “transmissão de conhecimentos” teóricos provenientes dos estudos interdisciplinares de gênero e sexualidade na superação de preconceitos e discriminações na escola. É necessário ir além, abrir espaços no interior das instituições escolares para se problematizar os sentimentos, as resistências e os preconceitos que cercam esta temática.

Solange Aparecida de Souza Monteiro

## SUMÁRIO

<b>CAPÍTULO 1</b> .....	<b>1</b>
NOTIFICAÇÃO DE VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER NA SAÚDE PÚBLICA: UMA QUESTÃO DE GÊNERO, EDUCAÇÃO E DIREITO	
Izadora Ribeiro Silva Costa Lina Maria Brandão de Aras	
<b>DOI 10.22533/at.ed.9011921111</b>	
<b>CAPÍTULO 2</b> .....	<b>13</b>
O CORPO E O GÊNERO NO CURRÍCULO DO ENSINO DE CIÊNCIAS NO TERRITÓRIO FEDERAL DO ACRE	
Murilena Pinheiro de Almeida Marco Antonio Leandro Barzano Cleyde Oliveira de Castro Maria de Lourdes Esteves Bezerra Cenair Felini Soares	
<b>DOI 10.22533/at.ed.9011921112</b>	
<b>CAPÍTULO 3</b> .....	<b>28</b>
O SILENCIAMENTO DA DOR: FEMINICÍDIO NA BAHIA ENTRE OS ANOS DE 2015 A 2018	
Fadja Mariana Fróes Rodrigues Tânia Rocha Andrade Cunha	
<b>DOI 10.22533/at.ed.9011921113</b>	
<b>CAPÍTULO 4</b> .....	<b>40</b>
OS MOVIMENTOS FEMINISTAS E A INSTITUIÇÃO DE POLÍTICAS PARA MULHERES: UMA RELAÇÃO VISCERAL	
Maria Flávia Andrade Araújo Lisboa Tainá Rocha dos Santos	
<b>DOI 10.22533/at.ed.9011921115</b>	
<b>CAPÍTULO 5</b> .....	<b>52</b>
POLÍTICAS PÚBLICAS DE GÊNERO E SERVIÇO SOCIAL: UM DEBATE SOBRE A INTERSETORIALIDADE DAS POLÍTICAS SOCIAIS E OS DESAFIOS PARA O EXERCÍCIO PROFISSIONAL DA/O ASSISTENTE SOCIAL	
Rosária de Fátima de Sá Pereira da Silva	
<b>DOI 10.22533/at.ed.9011921116</b>	
<b>CAPÍTULO 6</b> .....	<b>64</b>
POR UMA DRAMATURGIA FEMINISTA: JORNADAS DE F(R)ICÇÃO	
Luciana de Fátima Rocha Pereira de Lyra	
<b>DOI 10.22533/at.ed.9011921117</b>	
<b>CAPÍTULO 7</b> .....	<b>74</b>
PARTEIRAS E DOULAS BRASILEIRAS: AUTONOMIA E ARTICULAÇÕES FEMINISTAS EM REDE	
Danielle Andrade Souza	
<b>DOI 10.22533/at.ed.9011921118</b>	

**CAPÍTULO 8 ..... 87**

OS PROCESSOS PSICOSSOCIAIS DO USO ABUSIVO DO ÁLCOOL E AS PERSPECTIVAS TEÓRICAS DA PSICOLOGIA NO TRATAMENTO DE MULHERES ADULTAS

Ana Paula Almeida dos Santos  
Rafael Antonio Oiticica de Miranda  
Alexandra Soares dos Santos  
José Euclimar Xavier de Menezes  
Marcos Moura Nogueira

**DOI 10.22533/at.ed.9011921119**

**CAPÍTULO 9 ..... 96**

RELAÇÕES DE GÊNERO E PLANEJAMENTO REPRODUTIVO EM RELACIONAMENTOS HETEROSSEXUAIS: NEGOCIAÇÕES, LIMITES E O PROTAGONISMO FEMININO

Suzianne Jackeline Gomes dos Santos  
Mary Alves Mendes

**DOI 10.22533/at.ed.9011921110**

**CAPÍTULO 10 ..... 108**

REPERCUSSÕES HOMOSSEXUAIS NO AMBIENTE ESCOLAR: RELATO DE EXPERIÊNCIA

José Renato Santos de Oliveira  
Ingrid de Souza Silva  
Tatiane Pina Santos Linhares  
Tatiana Tarrão dos Santos

**DOI 10.22533/at.ed.9011921111**

**CAPÍTULO 11 ..... 119**

“SOMOS HUMANOS NA RUA”: USUÁRIOS DE ÁLCOOL E OUTRAS DROGAS ATENDIDOS PELO PROJETO PONTO DE CIDADANIA

Alexandra Soares dos Santos  
Ana Paula Almeida dos Santos  
Rafael Antonio Oiticica de Miranda  
Sueli Jesus Santana  
Mônica Coutinho Cerqueira Lima

**DOI 10.22533/at.ed.9011921112**

**CAPÍTULO 12 ..... 127**

SEGREGAÇÃO DAS MULHERES NO MERCADO DE TRABALHO BRASILEIRO NOS ANOS DE 2002 E 2014

Débora Juliene Pereira Lima  
Ana Márcia Rodrigues da Silva  
Edna Raimunda Teodoro

**DOI 10.22533/at.ed.9011921113**

**CAPÍTULO 13 ..... 138**

TERRITÓRIO DE NARRATIVAS: LOCAIS DESTINADOS ÀS MULHERES NOS DISCURSOS PRODUZIDOS NOS MUSEUS DO CENTRO HISTÓRICO BELENENSE

Silvia Raquel de Souza Pantoja  
Melissa Walesk de Oliveira Dias Souza

**DOI 10.22533/at.ed.9011921114**

<b>CAPÍTULO 14</b> .....	<b>148</b>
TRABALHO, POLÍTICA E GÊNERO: O PAPEL DA MULHER NA HISTÓRIA E O RESGATE DO FEMINISMO	
Fernanda Andrade Silva	
<b>DOI 10.22533/at.ed.90119211115</b>	
<b>CAPÍTULO 15</b> .....	<b>158</b>
TRAVESTIS, TRANSEXUAIS E TRANSGÊNERAS(OS) EM SITUAÇÃO DE CÁRCERE: NORMATIVAS BRASILEIRAS	
Gabriela Bothrel Echeveria	
Vivianny Kelly Galvão	
Verônica Teixeira Marques	
<b>DOI 10.22533/at.ed.90119211116</b>	
<b>CAPÍTULO 16</b> .....	<b>169</b>
VADIAGENS DA CIÊNCIA-EXPERIÊNCIA: GINGANDO NUMA RODA MULTIRREFERENCIAL COM CAROLINA DE JESUS, INAIKYRA FALCÃO E ELZA SOARES	
Régia Mabel da Silva Freitas	
<b>DOI 10.22533/at.ed.90119211117</b>	
<b>CAPÍTULO 17</b> .....	<b>178</b>
UM CORPO NEGRO EM DIÁSPORA NA PRODUÇÃO DE UMA ATENÇÃO À SAÚDE FEMINISTA E ANTIRRACISTA	
Lais Alves Porto	
<b>DOI 10.22533/at.ed.90119211118</b>	
<b>CAPÍTULO 18</b> .....	<b>184</b>
MULHERES NA LUTA POR PARTICIPAÇÃO E POLÍTICAS PÚBLICAS: UMA EXPERIÊNCIA RECENTE EM NOSSA SENHORA DA GLÓRIA (SE)	
Itanamara Guedes Cavalcante	
Maria do Carmo Santos Lopes	
<b>DOI 10.22533/at.ed.9011921111819</b>	
<b>CAPÍTULO 19</b> .....	<b>196</b>
SAÚDE INTEGRAL À SAÚDE DA MULHER: DESAFIO DE UM PROJETO DE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA	
Divanise Suruagy Correia	
João Klínio Cavalcante	
Laura Marques Angelo Neto	
Maria das Graças Monte Mello Taveira	
Viviane Maria Cavalcante Tavares	
Sandra Lopes Cavalcanti	
<b>DOI 10.22533/at.ed.9011921111820</b>	
<b>SOBRE A ORGANIZADORA</b> .....	<b>207</b>
<b>ÍNDICE REMISSIVO</b> .....	<b>208</b>

## UM CORPO NEGRO EM DIÁSPORA NA PRODUÇÃO DE UMA ATENÇÃO À SAÚDE FEMINISTA E ANTIRRACISTA

**Lais Alves Porto**

Instituto Guanabara

Salvador – Bahia

**RESUMO:** A produção de uma atenção à saúde orientada pelos princípios do feminismo e antirracismo são ainda recentes nos domínios da teoria e da prática. Os estereótipos de gênero nas mulheres as desqualificam e inferiorizam nas atuações das relações familiares, sociais e de trabalho. Referente aos estereótipos atribuídos a mulher negra, em específico no âmbito do trabalho, são esperados que estas ocupem cargos de serviços domésticos ou que utilizem apenas a força braçal. Deste modo, percebe-se que a mulher negra profissional de saúde está em um local que sofre com opressões interseccionais de gênero e raça. Esta profissional em constante processo de descolonização e desconstrução pode produzir uma atenção à saúde que seja feminista e antirracista, contudo ao mesmo tempo que tem consciência para não reproduzir intervenções danosas, passa por incessantes situações de opressões por permanecer em um lugar que não é destinado a uma mulher negra. O modo como as fonoaudiólogas negras irão exercer a prática profissional está profundamente relacionada à sua formação, aos espaços ocupados, assim como os não ocupados durante a graduação.

A experiência de ser uma fonoaudióloga negra e atuar em especial na área de atenção à saúde mental traz à tona a necessidade de saber lidar com a dupla percepção, do fazer fonoaudiológico feminista e antirracista, além de resistir as opressões sexistas e racistas. Sendo assim, identifica-se a necessidade de que estas profissionais de saúde ao cuidar de outras pessoas também possam ser cuidadas para prosseguir ativas nessa produção de saúde revolucionária.

**PALAVRAS-CHAVE:** feminismo, anti-racismo, atenção à saúde.

### A BLACK BODY DIASPORA IN THE PRODUCTION OF FEMINIST AND ANTIRACIST HEALTH CARE

**ABSTRACT:** The production of health care guided by the principles of feminism and anti-racism is still recent in the fields of theory and practice. Gender stereotypes in women disqualify and lower them in the actions of family, social and work relationships. Referring to the stereotypes attributed to black women, specifically in the work field, they are expected to occupy domestic service positions or to use only manual force. Therefore, it is clear that the black woman health professional is in a place that suffers from intersectional oppressions of gender and race.

This professional in constant process of decolonization and deconstruction can provide health care that is feminist and anti-racist while being aware not to reproduce harmful interventions, goes through incessant situations of oppression to stay in a place that is not intended for a black woman. The way black speech therapists will practice their professional practice is deeply related to their training, the occupied spaces, as well as the unoccupied spaces during the undergraduate course. The experience of being a black speech therapist and acting especially in the area of mental health care brings up the need to know how to deal with double perception, feminist and anti-racial speech therapy, as well as resisting sexist and racist oppressions. Thus, the need is identified that these health professionals when taking care of other people can also be cared for to continue active in this revolutionary health production.

**KEYWORDS:** feminism, anti-racism, health care.

## 1 | INTRODUÇÃO

Durante a elaboração deste trabalho foi perceptível a escassez de material teórico na área da saúde que tenha trabalhado dialogando as formas de opressões, sexismo e racismo, tendo em vista o profissional de saúde, observou-se a existência de produções científicas que abordam sobre o racismo somente com foco na população atendida na produção do cuidado. Com isso, inicialmente faz-se importante despertar o interesse para a elaboração científica deste assunto que será abordado.

O objetivo desse trabalho é descrever teoricamente a percepção da experiência de ser uma fonoaudióloga negra atuante na área da atenção à saúde mental. Reconhecer as implicações da mulher negra com suas memórias despertadas e o seu corpo negro em diáspora, visando apresentar como está situada na relação e prática profissional. Deste modo, este trabalho trata-se de um estudo de caráter qualitativo, de natureza descritiva.

Para Collins (2016) existem duas razões importantes para as mulheres negras prosseguirem em realizar a auto avaliação, auto definição e também uma análise centrada na própria mulher negra, destaco a primeira razão, pois significa o ponto de partida para a escrita deste trabalho:

“em primeiro lugar, definir e valorizar a consciência do próprio ponto de vista autodefinido frente a imagens que promovem uma autodefinição sob a forma de “outro” objetificado é uma forma importante de se resistir à desumanização essencial aos sistemas de dominação” (Collins, 2016).

Em detrimento disto uma profissional de saúde negra estar produzindo academicamente sobre o local que está ocupando se faz necessário para a construção de novas e autorais narrativas negras.

A sociedade brasileira é machista, lgbtfóbica, e religiosa, sendo assim exclui qualquer condição de diversidade de gênero ou de opção sexual. Nesse sentido, essa sociedade baseia toda sua forma de existir nestas opressões, seja na relação profissional, familiar, amorosa ou de amizade. No que se refere a relação profissional

a divisão sexual se faz presente visibilizando como a sociedade lida com as questões reprodutivas e a produção do cuidar (FALEIROS, 2007).

No que se refere ao nível privado, para o gênero feminino cabem as funções de procriar, alimentar, lavar, socializar, cuidar e proteger. No mercado de trabalho são destinados, prioritariamente cargos como crecheiras, professoras, enfermeiras, assistentes sociais, nutricionistas, fonoaudiólogas. Ao contrário do gênero masculino, pois participam de todos os cargos desde os de produção até os de direção (FALEIROS, 2007).

Quando racializamos esta divisão de gênero no que tange o campo do mercado de trabalho percebemos que para a mulher negra são destinados outros cargos ainda mais subalternos e inferiores do que em relação ao homem branco e a mulher branca, são serviços como cozinheira, faxineira, servente, cobradora de ônibus ou prostituta (GONZALEZ, 1980).

Dessa maneira identificamos que as relações raciais têm uma notória dimensão espacial, assim como as relações de gênero as quais são construídas em âmbitos espaciais predeterminados. Isso significa que os espaços privados e públicos são vivenciados de forma diferente e também desigual por homens e mulheres, qualificando uns de masculinos e outros de femininos, e por negros e brancos, qualificando uns como capazes e outros como incapazes (RATTS, 2003).

Reconhecemos que a mulher negra está posicionada em um lugar que sofre com o duplo fenômeno opressivo do racismo e do sexismo. Segundo Gonzalez (1980), o racismo se constitui como a sintomática que caracteriza a neurose cultural brasileira. Conclui-se que a intersecção do racismo com o sexismo produz efeitos muito mais violentos sobre a mulher negra. Assim sendo, tem-se no Brasil, essa relação de gênero e de raça que consolida uma determinada hierarquia, em primeiro lugar aparece o homem branco, em segundo a mulher branca, em terceiro o homem negro, e por último a mulher negra (RATTS, 2003).

Em vista disso, quando uma mulher negra ocupa um cargo profissional que não era destinado a ela a opressão racista e sexista se faz muito mais presente do que nos cargos que lhe são reservados no mercado de trabalho formal e informal. As profissões da área da saúde estão baseadas na ideia do cuidar do outro, logo são profissões atribuídas as mulheres, contudo são para as mulheres brancas, apenas as técnicas de enfermagem que são a base braçal do serviço que se reserva o campo para o trabalho das mulheres negras.

Uma mulher negra exercendo outra função na atenção à saúde que não seja como técnica de enfermagem perturba a estrutura que está disposta na sociedade. Quando esta mulher negra tem a percepção de sua mobilização e comportasse de modo que favorece que essas estruturas balancem ainda mais, faz com que a visibilidade para ela aumente e a torna um alvo constante das opressões conjuntas, racismo e sexismo.

Em específico para a temática étnico racial temos que na área da saúde apenas

durante a década de 90, devido uma grande pressão social, a discussão sobre raça reaparece como uma ferramenta analítica e de categoria política (CARNEIRO, 2015). Atualmente a única política pública que elucida sobre racismo e formas de combatê-lo na esfera da atenção à saúde pública é a Política Nacional de Saúde Integral da População Negra (PNSIPN) que em 2019 completará 10 anos de oficializada (LÓPEZ, 2012).

## 2 | DESENVOLVIMENTO

Essa breve contextualização demonstra que em relação ao apoio institucional existe uma indiligência para com a temática étnica racial e em específico a opressão racial, o racismo. Desta maneira a profissional de saúde que se propõem a exercer uma prática de saúde antirracista precisa buscar outras bases teóricas e alinhar a sua prática corriqueira. Visto que ainda necessita encontrar dentro da sua área de atuação suporte para uma execução antirracista.

Temos que evidenciar que para a profissional de saúde ter a perspectiva de construir uma prática em saúde feminista e antirracista ela precisa ter iniciado e/ou estar no constante processo de desconstrução e descolonização da mente. Desconstrução no que se refere a prática feminista e descolonização para a prática antirracista. Por serem opressões diferentes terão modos para combatê-los distintos, logo a profissional de saúde precisa interlaçar conceitos e ações que possam dar conta de uma produção do cuidado que não reproduza tais opressões e que não seja danosa.

A interseccionalidade é uma ferramenta teórico-metodológica utilizada principalmente pelas mulheres negras e/ou pesquisadoras feministas que revelam os processos de interação entre as relações de poder como classe, gênero e raça seja nos contextos individuais ou coletivos (RODRIGUES, 2013). Este passa a ser o termo que muitas ativistas utilizam para caracterizar a sua prática de vida incluindo a profissional, além de denominar uma potente produção científica que na área da saúde ainda precisa conquistar e solidificar o seu espaço.

Para chegar neste modelo de atuação a profissional precisa ter vivenciado espaços que tenham possibilitado a compreensão dessa interseccionalidade, porém visto que é uma mulher negra existem determinados espaços que lhe são impedidos de ser ocupados, desta forma desde o período da formação acadêmica esta mulher está em constante movimento para construir a sua própria reconstrução que viabilize se proteger da violência sexista e racista em todos os ambientes e também a de conseguir produzir uma saúde feminista e antirracista.

A prática fonoaudiológica no atendimento a pacientes com deficiência intelectual no campo da saúde mental não é restrito apenas as ações de reabilitação neurológica, a promoção de saúde também precisa ser valorizada nesses espaços.

Uma vez que a maioria da população atendida é de jovens negros, a profissional de saúde na realização de uma prática antirracista pode possibilitar o processo de descolonização da mente com estes usuários do serviço, além de oportunizar o empoderamento, principalmente das jovens mulheres negras.

Juntamente com a produção do cuidado antirracista e feminista para com os usuários tem também a relação no ambiente de trabalho com os outros profissionais sejam da área da saúde ou da área da organização e limpeza do ambiente que se trabalha. Uma estratégia cabível de ser realizada é a viabilização de espaços de formação para estes profissionais para que posteriormente possam também produzir um atendimento que não reproduza o racismo nem sexismo para com os usuários.

À vista disto, é perceptível que pode existir uma sobrecarga para esta profissional de saúde, pois ao ter a percepção e tentar produzir uma atenção à saúde não preconceituosa acaba acumulando algumas responsabilidades além do atendimento a questões exclusivas da fonoaudiologia. No entanto, durante essa caminhada é possível identificar mudanças no local de trabalho, na relação com os usuários, e na própria pessoa que está oportunizando esta movimentação dentro da saúde.

O sofrimento psíquico originado do racismo produz consequências imensamente danosas, pois além do sofrimento da ação que foi vítima, ainda existe o processo de invisibilidade para a ocorrência, devido no Brasil ainda ser perpetuado a crença do mito da democracia racial, que duvida da fala da vítima negra e deslegitima as ações e as consequências racistas, assim a vítima passa por múltiplos sofrimentos psíquicos sozinha (SAMPAIO, 2012).

Zanetti e Sacramento (2010) destaca que cada sujeito acaba criando suas próprias estratégias para lidar com situações de discriminação. O modo que é escolhido para enfrentar o racismo e o sexismo estão diretamente ligados a dois aspectos: à construção de identificação pelo indivíduo e às suas possibilidades de socialização, informação e inserção na sociedade. Contudo deve-se ressaltar que nem todas as estratégias podem ser saudáveis e benéficas para o indivíduo, neste sentido a profissional de saúde negra que realiza esta atuação de ativista necessita também cuidar-se nos níveis da saúde física, mental e espiritual.

### 3 | CONCLUSÃO

Reconheço que estar presente neste ambiente como um corpo negro com as memórias despertas para o sentido de estar em diáspora faz com que a atuação para com o outro e para consigo seja ainda mais cuidadosa. Deste modo, o fato de estar trabalhando no campo da saúde mental torna imprescindível o cuidado com si mesma, seja por ações próprias ou ações de outros profissionais de saúde qualificados para tal como, terapia psicológica ou terapias alternativas.

O processo de produção do cuidado para uma atenção à saúde antirracista

e feminista é contínuo, estar em movimento seja na construção e enriquecimento teórico e viabilizando experiências na prática profissional se faz essencial, também é preciso construir narrativas escritas, acadêmicas e científicas sobre esse fazer em saúde para que possa servir de estímulo a novos profissionais, além de possibilitar uma releitura aos profissionais que já estão inseridos no mercado de trabalho a mais tempo e não teve a oportunidade de participar deste debate durante a formação acadêmica.

## REFERÊNCIAS

CARNEIRO, Rosamaria. **O Peso do Corpo Negro Feminino no mercado da saúde: mulheres, profissionais e feministas em suas perspectivas.** Mediações, Londrina, v. 21 n. 2, p. 394-424, jul/dez. 2017.

COLLINS, Patricia Hill. **Aprendendo com a outsider within: a significação sociológica do pensamento feminista negro.** Revista Sociedade e Estado. V 31. N 1. Janeiro/Abril 2016.

FALEIROS, Eva. Violência de gênero. In: TAQUETTE, Stella R. (Org.). **Violência contra a mulher adolescente/jovem.** Rio de Janeiro: EdUERJ, 2007. p.61-67.

GONZALEZ, Lélia. **Racismo e sexismo na cultura brasileira.** In: Encontro Anual da Associação Nacional de Pós Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais. IV. 1980, Rio de Janeiro. p. 223-245.

LÓPEZ, Laura Cecilia. **O conceito de racismo institucional: aplicações no campo da saúde.** Interface - Comunic., Saude, Educ., v.16, n.40, p.121-34, jan./mar. 2012.

RATTS, Alecsandro JP. **Gênero, raça e espaço: trajetórias de mulheres negras.** In: Encontro Anual da ANPOCS, XXVII. 2003, Minas Gerais.

SAMPAIO, Adriana Soares. Ecos do silêncio: algumas reflexões sobre uma vivência de racismo. In: BATISTA, Luís; WERNECK, Jurema; LOPES, Fernanda. **Saúde da população negra.** DP et Alii Editora Ltda. 2012. P.245-254.

## ÍNDICE REMISSIVO

### A

Alcoolismo 6, 87, 88, 89, 93, 94, 123

Anti-racismo 178

Atenção à saúde 7, 10, 124, 178, 179, 180, 181, 182, 197, 198, 200, 205

Autobiografia 64, 65

### C

Cárcere 158, 160, 162, 163, 164, 166

Carolina de Jesus 144, 169, 170, 171, 172, 176

Ciberativismo 74, 77, 85

Corpo Humano 13, 14, 15, 16, 19, 25, 26

Currículo 13, 14, 15, 16, 17, 19, 20, 21, 23, 24, 25, 26, 27, 79

### D

Diversidade 25, 98, 104, 108, 113, 115, 118, 143, 170, 173, 179, 184, 185, 190

Dramaturgia de F(r)icção 64

### E

Educação 1, 3, 9, 10, 11, 13, 15, 16, 17, 19, 20, 21, 22, 23, 26, 27, 37, 45, 50, 51, 58, 61, 90, 94, 112, 117, 118, 121, 134, 136, 138, 143, 144, 149, 165, 167, 172, 173, 177, 192, 200, 205, 206, 207

Elza Soares 169, 170, 174, 176

Ensino de Ciências 13, 14, 16, 19, 24, 25, 26

Escola 13, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 25, 26, 108, 111, 112, 113, 114, 115, 116, 118, 152, 153, 205, 206

Escola primária 13, 14, 16, 17, 18, 20, 22, 25, 26

Estado da Bahia 28, 30, 33, 35, 37, 38, 108, 112

Estratégias negras de resistência 169, 175

Exclusão social 116, 119, 121, 123, 126, 161

Extensão universitária 196, 199

### F

Fatores psicossociais 87, 88, 89

Feminicídio 28, 29, 30, 33, 34, 35, 36, 37, 38, 39, 190

### G

Gênero 1, 3, 4, 5, 6, 7, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 19, 20, 21, 25, 26, 27, 28, 29, 30, 37, 38, 39, 40, 41, 42, 45, 46, 47, 48, 49, 50, 51, 52, 53, 54, 55, 56, 57, 58, 59, 60, 61, 63, 65, 67, 74, 85, 89, 94, 96, 97, 98, 99, 100, 101, 102, 103, 104, 105, 106, 107, 108, 111, 116, 117, 118, 127, 128, 129, 130, 131, 133, 135, 136, 137, 139, 146, 148, 153, 154, 156, 157, 158, 159, 160, 161,

163, 164, 167, 170, 178, 179, 180, 181, 183, 184, 185, 186, 188, 190, 192, 193, 195, 196, 197, 198, 199, 204, 206

## I

Inacyra Falcão 169, 170, 172, 176

## L

Laqueadura 96, 98, 99, 100, 102, 103, 104, 105

Legislação 28, 30, 38, 49, 55, 57, 82, 129, 158, 163, 166

Lutas 41, 43, 50, 55, 68, 142, 149, 173, 184, 187, 194, 198

## M

Memória 26, 50, 138, 139, 148, 149, 150, 151, 152, 156, 157, 161

Mercado de trabalho 4, 18, 46, 48, 88, 127, 128, 129, 131, 135, 136, 137, 149, 180, 183, 188

Movimentos feministas 40, 41, 42, 43, 44, 46, 50, 55, 97, 154, 190

Mulher 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 9, 12, 15, 24, 25, 26, 30, 31, 32, 33, 34, 36, 37, 38, 40, 42, 43, 44, 45, 46, 47, 48, 49, 50, 51, 53, 54, 55, 56, 57, 58, 62, 68, 72, 76, 77, 78, 83, 86, 87, 88, 89, 91, 93, 94, 98, 100, 102, 103, 116, 129, 136, 137, 138, 140, 141, 142, 144, 148, 149, 153, 154, 155, 157, 166, 171, 172, 175, 176, 178, 179, 180, 181, 183, 184, 185, 188, 189, 190, 191, 192, 193, 194, 195, 196, 197, 198, 199, 200, 201, 204, 205, 206

Mulheres 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 15, 19, 25, 26, 28, 29, 30, 31, 32, 33, 34, 35, 36, 37, 39, 40, 41, 42, 43, 44, 45, 46, 47, 48, 49, 50, 51, 52, 53, 55, 57, 58, 61, 62, 65, 67, 68, 69, 71, 74, 75, 76, 78, 79, 80, 84, 87, 88, 89, 90, 91, 92, 93, 94, 96, 97, 98, 99, 100, 101, 102, 103, 104, 105, 106, 107, 110, 111, 114, 116, 123, 127, 128, 129, 130, 131, 132, 133, 134, 135, 136, 138, 139, 140, 141, 142, 144, 145, 146, 147, 148, 149, 153, 154, 155, 156, 157, 158, 159, 161, 162, 163, 165, 166, 169, 170, 171, 178, 179, 180, 181, 182, 183, 184, 185, 186, 187, 188, 189, 190, 191, 192, 193, 194, 195, 197, 198, 199, 200, 201, 202, 203, 205, 206

Museologia 138, 139, 142, 143, 144, 145, 146, 147

Museu 13, 16, 138, 139, 140, 141, 142, 143, 144, 145, 146, 147

## N

Normativas 79, 117, 158, 164, 165, 166, 167

## P

Parteiras e doulas brasileiras 74

Participação 31, 48, 49, 55, 68, 79, 85, 100, 105, 121, 129, 133, 134, 136, 149, 184, 187, 188, 189, 190, 191, 192, 196, 198, 202, 203

Performance 64, 65, 66, 69, 70, 72, 88, 176

Política 5, 6, 7, 8, 10, 20, 21, 27, 29, 43, 48, 53, 54, 56, 57, 58, 59, 61, 62, 64, 66, 74, 79, 88, 89, 109, 120, 122, 123, 124, 125, 136, 139, 143, 148, 149, 154, 155, 156, 160, 165, 166, 171, 172, 181, 184, 185, 186, 187, 188, 189, 190, 191, 192, 193, 194, 195, 197, 201, 205

Políticas para as mulheres 11, 40  
Políticas públicas 30, 33, 37, 38, 46, 48, 49, 51, 52, 54, 55, 56, 58, 59, 60, 61, 62, 87, 89, 119, 121, 122, 124, 158, 160, 162, 163, 165, 166, 167, 184, 185, 188, 189, 190, 191, 192, 194, 195, 197, 199  
População em situação de rua 119, 120, 121, 122, 123, 124, 125  
População “T” 158  
Projeto ponto de cidadania 119, 120  
Psicologia 87, 89, 93, 108, 109, 118, 119, 120, 121, 123, 124, 125, 200, 206

## R

Redes sociais digitais 74  
Relações de gênero 3, 4, 9, 11, 38, 48, 50, 52, 53, 54, 58, 60, 96, 98, 99, 100, 102, 103, 104, 105, 106, 137, 180, 204  
Representação social 13, 23, 89, 92, 119, 122, 124, 144  
Reprodução 42, 52, 54, 55, 56, 96, 97, 103, 104, 106, 107, 197

## S

Saúde 1, 2, 3, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 15, 23, 25, 27, 55, 75, 76, 79, 82, 85, 86, 88, 92, 93, 94, 95, 96, 97, 98, 99, 100, 101, 104, 105, 106, 107, 110, 112, 117, 118, 119, 121, 123, 124, 125, 134, 163, 165, 168, 175, 178, 179, 180, 181, 182, 183, 184, 193, 196, 197, 198, 199, 200, 201, 202, 204, 205, 206  
Saúde da família 8, 112, 193, 196, 198, 200, 205, 206  
Saúde da mulher 2, 3, 7, 184, 196, 197, 198, 200, 201, 205  
Saúde integral 181, 196, 200  
Segregação 45, 114, 122, 127, 128, 129, 130, 131, 135, 136, 137  
Sexualidade 4, 15, 20, 31, 36, 75, 97, 100, 102, 104, 106, 107, 108, 109, 110, 111, 112, 113, 114, 115, 117, 118, 139, 146, 149, 155, 157, 196, 200, 201, 203, 207  
Sindicalismo 148, 156

## T

Trabalho 2, 4, 5, 6, 10, 13, 14, 16, 17, 18, 19, 21, 23, 24, 26, 27, 29, 31, 40, 42, 44, 45, 46, 48, 49, 50, 51, 52, 54, 56, 57, 58, 59, 60, 61, 62, 64, 72, 75, 76, 78, 79, 83, 88, 92, 93, 96, 99, 103, 104, 107, 108, 111, 121, 125, 127, 128, 129, 130, 131, 132, 133, 135, 136, 137, 138, 139, 140, 141, 148, 149, 153, 154, 155, 156, 157, 158, 159, 160, 163, 178, 179, 180, 182, 183, 184, 187, 188, 191, 193, 196, 198, 199, 202, 205, 206

## V

Violência 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 22, 28, 30, 32, 33, 34, 35, 36, 37, 38, 39, 44, 50, 51, 54, 55, 56, 57, 58, 61, 62, 63, 65, 75, 87, 90, 91, 93, 95, 106, 107, 108, 110, 111, 114, 115, 122, 155, 158, 159, 160, 161, 167, 175, 181, 183, 184, 190, 191, 192, 193, 194, 195, 196, 197, 199, 200, 201, 205, 206  
Vulnerabilidade 4, 119, 121, 161, 164, 168, 193